

O DF TEM MAIS PODER DO QUE CULTURA

Nesta página, estamos publicando uma parte das entrevistas que fizemos (eu e Tânia Quaresma), semana passada, no Rio de Janeiro.

Na última segunda-feira, a equipe do Projeto Bem-Te-Vi começou a abordar - aqui no "CB" - a questão da cultura em Brasília, com uma matéria onde procurou dar voz aos interessados na discussão sobre o patrocínio da arte e da cultura locais. No entanto, percebemos que poderíamos ir mais fundo no assunto, se viajássemos até o Rio, onde atualmente moram artistas e intelectuais, que em outro

período, foram responsáveis pela formulação de uma política cultural para a cidade. Darcy Ribeiro - criador da UnB - e Ferreira Gullar - primeiro presidente da FCDF - são exemplos disto.

Durante cinco dias, de segunda a sexta-feira, cruzamos ruas, bares, repartições, casas e apartamentos no Rio, para falar com os entrevistados de gravador e máquina fotográfica em punho. Assim, além das entrevistas que estão nesta página, com Darcy Ribeiro, Denise Bandeira, Fagner e Ziraldo (o texto de Millôr foi enviado pelo correspondente no

Rio), publicaremos, na próxima segunda-feira, os depoimentos de Chacal, Tizuka Yamazaki, Wilson Aguiar Filho e ampla entrevista com o poeta Ferreira Gullar.

Para nós da equipe que fizemos este trabalho, não chegou a surpreender a constatação de que com o passar dos anos a cultura produzida pelos artistas locais vem enfrentando dificuldades crescentes, que inibem seu florescimento. A crise que é nacional associada a alguns aspectos típicos da cidade têm obrigado muitos artistas de Brasília a procurar as condições para desenvolver seus trabalhos em outros centros.

Depois de ter se empenhado em "mostrar a cidade para ela mesma", a equipe comunica que a série "Sob o céu de Brasília" está inscrita para ser exibida durante o Festival Internacional de Vídeo e Cinema, que se realizará no Rio de Janeiro de 17 a 25 de novembro próximo. A iniciativa da inscrição foi da "Sky Light", que desta forma contribuirá para divulgar a verdadeira Brasília para um público mais amplo e que está habituado a confundir a apenas com o cenário onde se encontra o poder político e administrativo do País. (Jorge Frederico)

DENISE
BANDEIRA



(atriz de cinema,
teatro e televisão)

Fui para Brasília aos oito anos e de lá saí aos 23, depois de me formar em Sociologia, na UnB. Brasília foi construída e planejada com uma perspectiva superambiciosa. Naquela época, as melhores cabeças do País ou estavam em Brasília, ou estavam ligadas à cidade. Mas, depois com as mudanças políticas que o Brasil sofreu, muita gente que tinha crescido em Brasília, ou morado lá, ficou sem chão. Isto fez mal a muita gente. Quer dizer, sem o projeto cultural dos primeiros anos, essas pessoas se sentiram sem alento para continuar lá.

Quando voltei à Brasília, fico supertriste. Acho que Brasília hoje, do ponto de vista da arte e da cultura tá uma pasmeira, um marasmo. Me parece que qualquer iniciativa neste campo esbarra com o "Poder". E muita gente, se sentindo desestimulada, deixa a cidade. A iniciativa oficial tem se mostrado desinteressada de dar andamento ao projeto cultural que Brasília precisa. Quando converso com artista de Brasília, eu sinto isso. Porque em Brasília tem muita gente de talento, mas que só conseguiu se firmar depois que saiu de lá. Eu acho isso uma pena, mas tenho certeza que ficou um resíduo dos primeiros tempos na memória da cidade e isso pode levar a uma revitalização cultural, dependendo das circunstâncias.

A coisa que mais lamento é o desaparecimento daquela mentalidade que existia no começo da UnB. Aquilo de pensar o Brasil, produzir solução para seus problemas me encantava. Mas confio que isso vai ser retomado e Brasília vai voltar a florescer culturalmente.

FAGNER



(cantor e
compositor)

Morei um ano e meio em Brasília, justamente no período que comecei a ser conhecido como cantor e compositor, artista, enfim. Acho que as condições para a cidade ter uma cultura à altura do que ela merece existem. Mas quando estudei lá era na época do Médici e talvez por isso, eu já era louco pra sair de lá. O que eu sinto com relação à Cultura em Brasília é que o que existe lá agora, é só pra dizer que as artes não estão inteiramente paradas. Brasília é uma das cidades mais carentes do mundo, do ponto de vista da produção cultural. E agora com a crise, os problemas tendem a se agravar em todos os lugares, inclusive na capital do País. Continuo curioso em relação a Brasília, acho que os artistas mereciam ter mais espaço para criar.

ZIRALDO



(cartunista)

Não sei nada, não tenho nenhuma informação do que se produz em termos de arte e cultura em Brasília. Se fosse morar em Brasília eu acho que enlouqueceria. Me parece que as pessoas que planejam Brasília fizeram aquilo para temperamento delas. Mas tem gente que não gosta de lá. Pra criar filho acho que é um lugar muito bom; mas eu sinto falta de rua, de esquina... Brasília não tem um centro. Acho que culturalmente uma Feira Nacional de Arte e Cultura seria muito importante para Brasília. Seria uma maneira do resto do País se voltar para sua capital, sem ter a única preocupação de conhecer fatos políticos.

Outra coisa que poderia ser feita é acionar o esquema de fundações. Pra pais capitalista a única saída é a fundação, como nos Estados Unidos. Lá, a gente vê as grandes empresas financiando os intelectuais, mesmo os que metem o pau, como é o caso de Norman Mailer, do James Baldwin... Brasília devia ser uma síntese do Brasil.

“Ela precisa ser a capital do Brasil culturalmente”

Pergunta — Qual é a visão que o senhor tem da produção cultural da Brasília de hoje?

Darcy Ribeiro — Eu posso falar do esforço que nós fizemos para que Brasília tivesse um florescimento cultural e não apenas arquitetônico. É claro que de vez em quando eu vou por lá e vejo coisas horríveis. A população de Brasília devia fazer uma manifestação multitudinária na Praça dos Três Poderes para reclamar contra coisas estúpidas, como o Itamarati, por exemplo, onde colocaram aquele toldo de lona que é uma vergonha. Os palácios em Brasília são lindos, mas é possível que o palácio do Itamarati seja o mais lindo, é uma coisa mundialmente famosa. Pois os idiotas do Itamarati puseram lá um toldo de lona que é uma coisa horrível, pra proteger alguns diplomatas contra a chuva. E outro toldo, pior ainda do que esse, eu vi colocado no Teatro Nacional. O teatro é uma coisa importante, mais importante para nós do que as pirâmides do Egito, pois o teatro é a pirâmide do mundo moderno, que tem um acabamento feito por um grande artista que é o Athos Bulcão. Em Brasília, mesmo passando horas, a gente vê que há uma perda de qualidade por interferência de um espírito mesquinho, que esses dois casos exemplificam bem.

Pergunta — Como foi sua aproximação com Brasília.

DR — Inicialmente, minha posição era contra Brasília. Eu creio que foi por isso que eu chamei a atenção de Juscelino e me aproximei mais dele. Mas num certo momento, eu notei que o bom era criar Brasília. Que Brasília ia amarrar o Brasil por dentro. Ia criar um núcleo que unificaria o Brasil, tal como Minas Gerais fez no passado. Quando foi descoberto o ouro de Minas, parte dos escravos que se encontravam no Nordeste foram vendidos para Minas; o Rio Grande do Sul começou a existir importando burros e besta de Corrientes e Santa Fé, na Argentina pra mandar para exploração de ouro. Então, Minas Gerais atou o Brasil, criou uma unidade nacional verdadeira. Eu senti que Brasília podia criar isso, podia criar isso de novo. Naquele momento, quem fosse conversar com Juscelino podia ver que a coisa era séria. Porque o Juscelino não podia chamar qualquer idiota... se fosse o Dutra que fosse o Presidente do Brasil você imagina que merda que ia sair? Mas, felizmente, era JK que chamou Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Então, o que salva Brasília é a mão de Oscar Niemeyer e do Lúcio Costa, sobretudo do Oscar. Brasília é a cidade do milênio. Vai ser importante na história da arquitetura mundial como é São Pedro, no Vaticano. Da Vinci, Rafael, foi uma geração que no século XVI fez São Pedro. Mudou o caráter de Roma, criou um estilo, mudou o estilo do mundo. Brasília tem uma influência tremenda por sua qualidade arquitetônica altíssima.

Pergunta — E qual foi sua participação na formulação de um projeto cultural para Brasília?

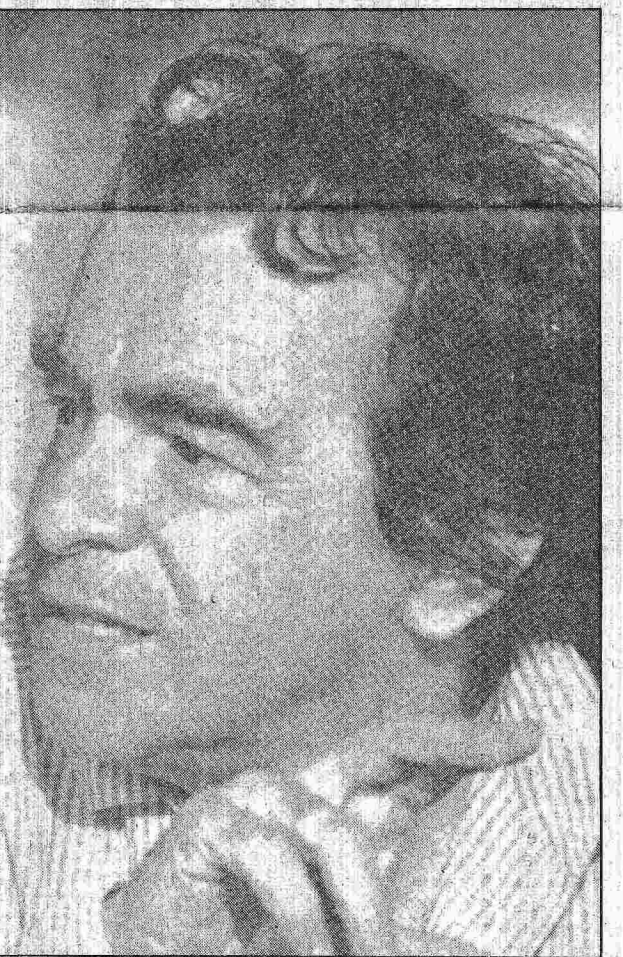
DR — Juscelino me encarregou, através de um Decreto, de criar a Universidade de Brasília. Naquela época, o problema que se colocou para a intelectualidade brasileira foi o seguinte: o perigo era Brasília crescer com a mentalidade do pasto goiano. Quer dizer, era preciso que ela não fosse comida pelo pasto goiano. Brasília era o grande produto da cultura do Rio. Foram necessários séculos aqui no Rio de Janeiro, para gerar Oscar, gerar gente que estava fazendo Brasília. Como é que Brasília poderia ter a categoria de gerar coisas mais belas que ela e que a fizessem capaz de conviver com as outras capitais brasileiras e do mundo? Então, o problema que se colocava era a necessidade do florescimento cultural.

Pergunta — Qual era a proposta cultural da UnB?

DR — A Universidade de Brasília foi pensada, desde o princípio, como aquela instituição que iria dar categoria cultural à nova capital. Então a Universidade

“Brasília precisa de uma reforma, porque apesar de ser nova ela está velha. O Brasil arcaico tomou conta da capital nova e a tornou senil em muita coisa”.

do assim, level para a Universidade do maestro Cláudio Santoro, para começar a dar aulas de apreciação musical e fazer pequenos concertos, convidando pessoas no campus da universidade. Então, todos os sábados fazíamos um pequeno concerto, para ter um convívio musical. E convidamos também, artistas vários como o pintor Bianchetti; Sessquialqui foi para lá como escultor; Rocha Miranda... foram para lá dezenas de artistas, aos quais eu não podia que dessem aula, nem cursos; podia que vivessem na comunidade universitária. Nós instalávamos eles na comunidade, dávamos casa, para que não existissem apenas físicos e matemáticos no campus, mas também pintores, gravadores, músicos que davam à comunidade essa espécie de espiritualidade, que ocorre



Darcy Ribeiro é o vice-governador do Rio

quando as pessoas têm um domínio num nível muito alto do saber humano de seu tempo e também da herança humana de artes e humanismo. Então, nós conseguimos em Brasília, naqueles primeiros anos formar com cerca de 280 pessoas que eu levei pra lá, uma comunidade viva de gente que era representativa do que há de mais avançado no pensamento humano e científico e também artístico.

Pergunta — E qual deveria ser a participação da Universidade na escolha dos melhores caminhos para a sociedade brasileira?

DR — É claro que a Câmara dos Deputados e o Senado podiam levar muitos técnicos para lá. O próprio governo ia levar muito tecnocrata e muito burocrata para lá. Mas um tecnocrata é um pau mandado, faz aquilo que o patrão político manda. Um político também é alguém que tem inte-

ressos outros. E preciso que seja alguém que esteja independente do político, independente do tecnocrata, alguém que não seja do pável, que não seja subornável e isso que só um pensamento de uma Universidade autônoma que é muito importante para um País ter um grupo de pessoas que o Poder respeite, porque quando desse uma opinião sobre epidemias, sobre construção, ou sobre energia, se soubesse que era alguém insubornável, que era um pensador, um estudioso, um pesquisador. Isso foi o que a UnB quis ser.

Pergunta — E quais as principais consequências das mudanças implantadas depois de 64 na Universidade de Brasília?

DR — Lamentavelmente, com todas as desgraças que ocorreram em 64, o Brasil sofreu um tremendo

sidade está com o rabo entre as pernas, está com medo e com medo não funciona. E é claro que a UnB não é nenhum pensamento autônomo, e é claro que toda criatividade artística que podia ter em Brasília também foi para trás. Consequentemente, todo núcleo que eu levei para Brasília pediu demissão, quando viu que seriam humilhados por qualquer Capitão-de-Mar-e-Guerra, e que aquele grande sonho que era Brasília como ilha cultural, capaz de florescer no interior do Brasil fosse destruído.

Pergunta — Do ponto de vista das artes, qual a importância de Brasília e da Universidade?

DR — De fato, eu sei fazer uma universidade e tenho feito no mundo. Se você me pedir vinte mil médicos, quatro mil matemáticos, vinte mil dentistas eu produzo. Mas se você me pedir um Oscar Niemeyer ou um Aleijadinho eu não sei fazer. Então, a cultura em si, a criatividade cultural é alguma coisa que floresce em condições especiais. E preciso a gente torcer, até rezar para que ocorra. Mas é preciso que pessoas de cultura possam atuar livremente, possam errar, possam fazer burrada, possam

“Brasília vai ser a cidade do milênio. Vai ser importante na história da arquitetura mundial, como é São Pedro, no Vaticano”.

tentar e tenham liberdade e tenham ambiente para que isso possa florescer, porque mesmo sendo dadas todas as condições isso é difícil. Veja você, um dia a cultura brasileira floresceu altamente em Ouro Preto. Outro dia, por um breve momento, floresceu em Brasília. Onde mais floresceu? Em lugar nenhum! Nesse ambiente de opressão não floresce em lugar nenhum. Nos anos finais de JK, começou do Jango, houve uma criatividade também no cinema, no teatro, na música que pôde sobreviver um pouco até 68 e que foi toda crestada.

Pergunta — E quais são suas perspectivas em relação a Brasília, uma vez que atravessamos uma etapa de abertura política com vistas à redemocratização da sociedade brasileira?

DR — Nós estamos desafiados agora, com a redemocratização, com a abertura, a repensar esses problemas e ver o que se pode fazer. Uma das coisas iniciais é devolver a Universidade de Brasília a si mesma, para que ela se reorganize, para que ninguém seja um gerente lá dentro, para que ninguém seja um tutor de professor. Para que professores e alunos estudem, pesquisem um plano para ver o que até o ano 2000 o que vai ser a Universidade de Brasília. Qual é a universidade que o Brasil precisa? Qual a sabedoria que o Brasil precisa?

Pergunta — E qual a importância da experiência de Brasília, após 25 anos para a sociedade como um todo?

DR — Brasília necessita de uma reforma, porque ela, apesar de nova, está velha. A estrutura dela ficou velha. Ela está dominada por um pensamento velho. O Brasil arcaico tomou conta da capital nova e a tornou senil em muita coisa. Contudo, a grande ambição da intelectualidade brasileira continua sendo ter uma universidade que domine o saber humano e que seja um centro de alta criatividade. Ou seja a grande ambição da intelectualidade brasileira é que a Universidade de Brasília cumpra o seu papel. A UnB está paralisada, o Brasil necessita de uma universidade de alto padrão. Falta ao Brasil inteiro essa Universidade. A Universidade de Brasília tem de se encontrar. E ela não vai se encontrar com nenhum burocrata que chegue lá e diga como tudo deve ser feito. Não é tirando esse capitão e colocando outro lá. É a Universidade assumindo o comando de si mesma e diante de um poder democrático que a respeite.

PROJETO BEM-TE-VI, APOIO	
CABE/AS-Centro Brasileiro de Arte e Cultura. Fundação Nacional Pro-Memória. AGRADECIMENTOS Fundação Cultural do DF. Corpo de Bombeiros do DF. Especialmente ao Ten. Eraldo GARVEY PARK HOTEL SHARP.	CORREIO BRAZILIENSE Parque Nacional de Brasília Banco do Brasil COLABORAÇÃO Cine Foto GB Tintas Ypiranga SOBEBE-Sociedade de Bebidas Brasileiras Mercado dos Tapetes VENNUSMALHARIA
EQUIPE DO PROJETO BEM-TE-VI	
Coordenação Geral- Tânia Quaresma Editor de Texto- Jorge Frederico Imagens- Alexandre Quaresma Equipe de Produção- Ana Evelyn, Geralda Magela.	Flavio, Geraldo Magela Direção Musical- Fernando Corbal Coreógrafo- Luis Mendonça Correspondente no Rio de Janeiro- Chico Miranda Mascote- Marcel

(Rio de Janeiro) — Esta é a opinião de Millôr Fernandes sobre o "Projeto Bem-Te-Vi". A equipe agradece o precioso estímulo de Millôr, tão necessário à continuação de um trabalho difícil, mas viável. E não há fardo pesado quando se trabalha com alegria e determinação.

Minha cara Tânia. li o material publicado ai nos jornais de Brasília sobre o projeto de vocês, o Bem-Te-Vi (se ainda tem muito desse passado ai na terra fiquei tranqüila — há esperança) e conversei muito com nosso velho e comum amigo — Chico Miranda. Um entusiasmado, claro. Um cético crente. A idéia do projeto é utópica, mas o que é que se faz sem utopia? A própria Brasília, projeto inicial altamente discutível, foi feito a partir de um objetivo impossível.

Realizada hoje, implantada — não é assim que se diz? — seus erros são flagrantíssimos. Como os de Hong-Kong, São Paulo, Rio e tantas outras cidades, umas com mais, outras com menos — sempre que o homem se mete onde não deve. Até os nossos dias, tínhamos sempre a esperança de que tudo afinal se arrumaria e as coisas melhorariam. Essa crença ainda é válida com respeito às metrópoles? No caso específico de Brasília? Pode-se humanizar essa cidade, trazendo o povo pra rua (tive a sensação de que o povo de Brasília existia, pela primeira vez, nos últimos acontecimentos políticos — uma emocionada sensação) inventar as esquinas que o urbanismo esqueceu, deixar que alguém, por um erro maravilhosamente humano, possa fazer um beco sem saída arquitetônico.

sempre tão gracioso, ao contrário do sinistro becos-sem-saída social em que nos metaram?

Vamos lá — se aprende a nadar nadando, como dizia o grande nadador Mao, que Deus o tenha. Todo projeto é um fracasso. A consciência disso, em vez de ser desencorajadora deve, ao contrário, estimular a audácia dos projetos pra que, mesmo realizados à meta, ainda assim sejam importantes, modifiquem, tornem a vida melhor no que ela tem de melhor — o convívio. Sartre dizia que "O Inferno são os outros". Ele tinha razão. Apenas se esqueceu de completar a frase: "E o céu também".

E chega de palavras. Uma vez estabelecido o projeto, vão em frente. A reflexão faz todos nós covardes. Millôr.

CHICO MIRANDA

(correspondente do projeto Bem-Te-Vi no Rio)

